

## Editorial

Editorial Revista 2018/2 – v. 21, n. 2

ISSN versão impressa: 1415-5842

ISSN versão eletrônica: 2317-675X

Apresentamos neste número o dossiê “Comunicação, ‘cimento social’ (Maffesoli) e o além-do-homem (Nietzsche) como caráter interpretativo da existência”, com o próprio Maffesoli (Sorbonne/França) entre os editores convidados, além de Vincenzo Susca (Université Paul-Valéry de Montpellier/França), Janaína Vieira de Paula Jordão (PPGCOM/UFG) e eu, Eduardo Portanova Barros (Prof. visitante PPGCOM/UFG). Retomando o tema, a justificativa é de que em sua tese sobre o além-do-homem, Nietzsche procura uma existência distante dos moralismos metafísicos (o da noção de pecado, por exemplo) e das estruturas fixas. Como se daria isso?

No âmbito da individualidade, nós, homens, não estamos sempre à mercê de forças transcendentais (sejam de que religião for) e não procuramos sempre a razão? Tendo por base os meios de comunicação - dita social -, percebem-se fenômenos contraditórios que nos remetem ao questionamento sobre nós, indivíduos, que é - guardadas as proporções - o mesmo de Nietzsche no que diz respeito à interação com o Outro nesta Babel multicultural. Principalmente agora, com a expansão de horizontes provocada por um sem-número de tecnologias de informação e comunicação (as chamadas TICs).

A comunicação é *cimento social*, afirma Maffesoli, mas de natureza trágica, isso porque esse laço não é necessariamente bom ou mal. Talvez aí tenhamos uma possibilidade de entendimento mais próxima de Nietzsche e de sua tese do além-do-homem, aquele capaz de se situar no nível das suas capacidades interpretativas. Disso se extrai uma ideia de síntese-tensão, diferentemente de uma síntese conclusiva, fechada, rígida. Não seria isso, justamente, a Comunicação? Não importa tanto a informação (conteúdo) desde que nos comuniquemos com o Outro. Neste dossiê, portanto, propomos uma aproximação entre a ideia de um vitalismo de origem trágica, que é o ponto nodal (esse além-do-homem) em Nietzsche junto com a Comunicação.

Em “Arcaísmo, cibercultura e reencantamento do mundo: as dobras do cotidiano tecnológico”, Michel Maffesoli, conhecido pensador da pós-modernidade e confesso admirador de Nietzsche, explora as flutuações - daí a relação com dobras, ou seja, aquilo que se curva e desfaz a linearidade do pensamento – mágicas e arcaicas nesse cotidiano do paradigmático “tudo-tecnológico”. Porém, os paradigmas estão em crise, e é exatamente aí

que entra a cibercultura, um termo que, sob o viés maffesoliano, pode ser vetor de um reencantamento do mundo e da tecnomagia.

Vincenzo Susca, sociólogo italiano de perfil maffesoliano, oferece-nos um ensaio intitulado “Cadeias sem fio. A crise do sujeito e *ordo amoris* na cultura digital”, que trata diretamente, ao contrário de Maffesoli, das redes sociais. Mas não fica só nisso. Susca procura discutir, também, o sujeito nessa relação ambígua que é inerente ao indivíduo, a partilha em um meio efêmero, como o das redes sociais, e a possibilidade de uma relação de afeto, um vínculo comprometido entre os membros dessa “tribo” e sua comunhão destino (“*ordo amoris*”).

Essa questão afetiva em Maffesoli e Susca também prossegue no artigo de Eduardo Portanova Barros e Antônio César Fonseca: “Lash, Hall, Maffesoli: as forças ativas do desejo e a comunicação”. Foi Lash que criticou o esquecimento de Deleuze e Nietzsche como genealogistas, título outorgado apenas para Foucault. Mas não. Segundo o ensaísta britânico, é o momento de inseri-los dentro de um escopo amplo das “forças ativas libidinais”, isso por causa de um aporte na figura humana que poucos autores como Deleuze e Nietzsche, sobretudo este, souberam esmiuçar.

“Um olhar Nietzscheano à *Dogville*: as desordens morais da personagem Grace no discurso fílmico” ensaiam, pela autoria de Fábio Hansen e Cintia Moletto, uma resposta para a questão do discurso moral nesse filme, de 2003, conforme as considerações do filósofo alemão sobre a posição do homem diante da vida. A abordagem, de natureza discursiva francesa, focou o comportamento da protagonista Grace por meio dos conceitos de interdiscurso, entre outros, para a compreensão das tomadas de decisão da personagem. O sentido moral da obra trai nossa confiança na unidade do sujeito antes ambíguo e fragmentado do que unitário.

No artigo “O homem transbordante nietzschiano e a perspectiva transpessoal”, de Jorge Miklos e Renata Bastos Carneiro da Cunha, a relação com o dossiê se faz por meio do conceito de *Übermensch* (o meta-homem, mas traduzido, no geral, por “super-homem”): ou seja, algo que diz respeito tanto ao homem como algo que o transcende (abertura e integração). Este problema é central, porque toda tentativa de análise sobre Nietzsche, principalmente nisso que ele denominou “super-homem” - e não confundir com a apropriação despropositada da linha nazista -, é um risco devido ao caráter ambíguo mesmo de que se reveste.

Finalmente, Daniel Gutiérrez-Martínez apresenta “A invenção do indivíduo: para um estudo da Sociologia Cultural do Eu”. O objetivo do artigo é uma apresentação, de cunho

ensaístico, do modo (e é sempre isso que conta, no final) como as sociedades são vistas por teorias multiculturais e políticas públicas. O problema, aqui, também de fundamentação nietzschiana, é o que Daniel entende por uma “concepção ontológica de cultura (nível simbólico)”, aquela que crê na existência de um sujeito moral autônomo. Sabe-se que, para Nietzsche, o mundo verdadeiro não é mais objeto de promessa. Tornou-se fábula.

Eduardo Portanova Barros